

A REFERÊNCIA DE PRIMEIRA PESSOA EM ORAÇÕES REDUZIDAS DE INFINITIVO INICIADAS POR PARA

João Ricardo Melo Figueiredo

Faculdade de Letras –Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
letras@ufrj.br

Resumo Este trabalho apresenta resultados de um estudo sobre a variação entre as formas da referência pronominal de primeira pessoa do singular em orações introduzidas por PARA seguidas de infinitivo na fala informal do Rio de Janeiro.

Palavras-chave. Lingüística; sociolingüística; variação.

Abstract. This paper presents results according to the Variation Theory in relation to the first singular pronoun reference in infinitive reduced subordinate clauses in the informal speech of Rio de Janeiro speakers of Portuguese.

Keywords. Linguistic; sociolinguistic; variation.

Este trabalho apresenta resultados de um estudo sobre a variação entre as formas da referência pronominal de primeira pessoa do singular em orações introduzidas por PARA seguidas de infinitivo na fala informal do Rio de Janeiro, (cf. ex. (1)), revistos a partir de comunicação apresentada no 53º seminário do GEL,

(1)

*Eu não conseguia [fazer] aí quem levava mais castigo era eu, porque um dia só para fazer aquilo tudo, ainda tinha dever **para Ø fazer** (variante zero, que eu estudo em duas escola, particular e pública, aí não dava **para mim fazer** (variante mim) tudo ao mesmo tempo. Aí eu faltava aula para mim- por isso que eu não passei **para mim fazer** (variante mim) esse dever todo.”*

FONTE: PEUL C58

A análise baseia-se no modelo laboviano para o estudo da variação (Labov, 1972) e nas propostas do funcionalismo lingüístico (Givón, 1995). O corpus é extraído de entrevistas da amostra Censo (PEUL/UFRJ) com 64 informantes distribuídos regularmente por idade, gênero/sexo e escolaridade. São considerados três grupos de fatores, um sintático: função da oração reduzida; um discursivo: tipo de texto e um social: escolaridade.

Serão analisadas apenas duas variantes da variável dependente, MIM e Ø. A forma EU, preconizada pela Norma Culta da Língua, teve apenas uma incidência residual de 5%, o que impossibilita seu estudo segundo o arcabouço teórico aqui utilizado.

Hipótese

Trabalha-se com a hipótese central de que a variação ocorre correlacionada a grupos de fatores, extralingüísticos e lingüísticos, tais quais:

- a) Escolaridade – quanto mais escolarizado o falante, menos produção de MIM;
- b) Função sintática da oração reduzida – orações essenciais e integrantes possuem mais Mim do que circunstanciais;
- c) Tipo de texto – a narração, por ser de experiência pessoal, tem maior presença de sujeito explícito na reduzida.

Metodologia

A ocorrência do sujeito de primeira pessoa do singular em orações reduzidas de infinitivo era um fenômeno primeiramente terciário (eu, mim e Ø). Contudo, por ter-se encontrado pouca ocorrência da variante EU, conforme já mencionado, abordar-se-á, neste trabalho apenas as variantes MIM e Ø. Possui-se então para esta presente investigação um fenômeno binário tendo MIM e Ø como suas variáveis dependentes correlacionadas à fatores sociais, sintáticos e discursivos. Segue-se a uma análise multivariacional segundo a Sociolingüística Quantitativa (Labov, 1975, 1991; Guy, 1993; Mollica e Braga, 2004 e Labov 2004).

Um instrumental estatístico é necessário para a quantificação dos dados e correlação entre os diferentes grupos de fatores levando em conta suas respectivas relevâncias em relação ao fenômeno em estudo. Para isto, usa-se o pacote computacional GOLDVARB 2001 (Robinson, Lawrence & Tagliamonte). A interpretação dos dados permitirá corroborar ou não as hipóteses antes levantadas

A Teoria da Variação

A Teoria da Variação baseia-se no fato de que todas as línguas são heterogêneas, graças aos seus respectivos dinamismos. Esta variação é ordenada e sistemática, podendo ocorrer no nível fonético/fonológico, morfossintático, discursivo ou semântico. A partir de métodos de investigação, rigorosamente construídos, pode-se investigar, analisar e até explicar tais variações em uma determinada comunidade lingüística.

A Sociolingüística Variacionista teve seu início como resposta às abordagens estruturalistas, as quais percebiam a língua desvinculada de seu falante e como objeto homogêneo de representação. Surge então a heterogeneidade ordenada (Weinreich, Labov e Herzog, 1968). Os primeiros trabalhos sobre variação aparecem no campo fonético/fonológico. Destacam-se os clássicos: Labov (1962) sobre a realização dos ditongos [ay] e [aw] na Ilha de Martha's Vineyard e o estudo também de Labov (1972) sobre o [R] em Nova Iorque. Muitas outras pesquisas foram e estão sendo realizadas até os dias atuais acrescentando-se a análise de variáveis morfossintáticas, semânticas e discursivas. Estas novas abordagens provocaram insatisfação por parte de alguns variacionistas que afirmam não haver equivalência de significação entre as formas alternantes fora do ambiente fonológico (Lavandera, 1984). Contudo, tais diferenças sempre podem ser controladas através de fatores postulados como correlacionados ao fenômeno em estudo (Paredes Silva, 2004: 69). Não nos cabe no presente momento, adentrar tais meandros argumentativos. Para este trabalho é importante percebermos que a Teoria da Variação já existe há certo espaço de tempo, sendo responsável por uma nova visão a respeito das comunidades lingüísticas, percebendo-as não mais como homogêneas mas sim como heterogêneas, fonologicamente, morfossintaticamente, semanticamente a até discursivamente.

O Funcionalismo Norte-Americano

Outra importante teoria que juntamos aos pressupostos da Variação é o Funcionalismo Norte-Americano.

A lingüística norte-americana foi enraizada pelos formalistas, presentes até hoje através do gerativismo. Paralelamente, um pólo funcionalista foi sendo criado, graças aos trabalhos de Fraz Boas. Os sociolingüistas, como Labov e outros, também foram influenciados pelo funcionalismo.

O funcionalismo parte do princípio de que a língua deve ser observada a partir do contexto lingüístico e da situação extralingüística. O importante para o funcionalista é o uso da língua, com toda sua carga de heterogeneidade.

A Gramática Tradicional

Rocha Lima (1972) afirma que o uso do MIM como sujeito de infinitivo é um *erro* comum, linguagem coloquial menos cuidada, não fixada na Norma Culta.

Cunha e Cintra (1985) afirmam que a construção com MIM surgiu do cruzamento das formas: “Isto é trabalho para *eu* fazer; e insto é trabalho para *mim*” (Cunha & Cintra, 1985:299). Os autores ainda afirmam que a construção com MIM

como sujeito do infinitivo é muito comum em linguagem familiar, sendo desconhecida em Portugal, mas com manifestação muito forte no território nacional

Ao pesquisar a obra de Cereja e Magalhães (1999), conhecida por sua abordagem moderna e lúcida no meio escolar, encontra-se um capítulo: “Eu ou Mim?”. Ao explicarem a colocação pronominal em uma dada tira de quadrinho no referido capítulo, os autores afirmam:

De acordo com o padrão culto seria adequado empregar *mim* no lugar de *eu*? Não, porque o Pronome reto eu, na frase do balão, funciona como Sujeito do Verbo *ficar*, que se encontra no Infinitivo. Se desenvolvêssemos a frase teríamos: para que *eu* fique. (CEREJA & MAGALHÃES, 1999:130-31)

Percebe-se através de um pequeno percurso por obras representativas da Norma Gramatical da Língua Portuguesa que, quando mencionado, o fenômeno aqui em estudo é considerado como agramatical, sendo visto por alguns como marca de linguagem coloquial, usado por pessoas sem estudo e sem esclarecimento.

Análise dos Dados

Ao tratar-se de escolaridade, é de conhecimento geral que a escola serve como mantenedora da norma de uma língua. Nela o aluno sofre pressões para que se aproxime do padrão lingüístico da comunidade de fala em que está inserido. Segundo Votre (2004):

“Ela [a escola] atua como preservadora de formas de prestígio face a tendência de mudança em curso nessas comunidades... a escola incute gostos, normas, padrões estéticos e morais em face da conformidade de dizer e de escrever.” (Votre, IN: BRAGA & MOLLICA, 2004: 51)

A partir desta breve narrativa, apresentam-se os seguintes resultados:

TABELA 1 – ESCOLARIDADE

FATOR	MIM	Ø	TOTAL
	FREQÜÊNCIA	FREQÜÊNCIA	
Até a 4ª.	32/180 = 17%	148/180 = 82%	180/485 = 37%
De 5ª. Até 8ª.	35/162 = 21%	127/162 = 78%	162/485 = 33%
E. Médio	35/143 = 24%	108/143 = 75%	143/485 = 29%

Observa-se, a partir dos dados empíricos aqui representados na tabela acima, que a presença pronominal de primeira pessoa em orações reduzidas de infinitivo não parece sofrer a ação da variável escolaridade. O que pode ser percebido é um pequeno crescimento no uso da variante desprivilegiada pela norma da língua durante a trajetória escolar do falante, sem no entanto, chegar a um mínimo de dez pontos percentuais.

A Função Sintática

Ao examinar-se o *corpus* em análise, a fim de procurar a função das orações reduzidas, seguindo orientações gramaticais de Cintra & Cunha (1985) e Rocha Lima (2002), encontrou-se a presença de quatro funções sintáticas nas orações reduzidas: subjetiva, a subordinada apresenta a função de sujeito da oração principal, (c.f. (2));

objetiva, a subordinada apresenta a função de objeto da oração principal, (c.f. (3)); completiva nominal, a subordinada apresenta a função de complemento nominal da oração principal, (c.f. 4)) e final, a oração subordinada apresenta a função de finalidade em relação à oração principal, (c.f. (5)).

- (2) Aí não dava **para mim** fazer tudo ao mesmo tempo. (CENSO: E58)
- (3) Então ele pedia **para mim** ensinar a Zora (CENSO: E33)
- (4) Olha se eu tiver capacidade para - é- **para mim** ganhar, eu vou ganhar numa boa.(CENSO: E40)
- (5) Aí carreguei dez e falei que- "então carrega umas quinze aí para mim, **para mim** ganhar mais. (CENSO: E64)

Tem-se os seguintes resultados:.

TABELA 2: FUNÇÃO SINTÁTICA DA ORAÇÃO REDUZIDA

FATOR	MIM		∅	TOTAL
	FREQÜÊNCIA	PR	FREQÜÊNCIA	
Subjetiva	20/20 = 100%	.99	0/20 – 0%	20/485 = 4%
Objetiva	17/50 = 34%	.67	33/50 = 66%	50/485 = 10%
Final	63/380 = 17%	.43	317/380 = 83%	380/485 = 78%
Completiva	3/35 = 8%	.28	32/35 = 91%	35/485 = 7%

Os dados mostram que as orações subjetivas apresentam maior peso relativo, isto é esperado pois todas as orações reduzidas de infinitivo subjetivas tem a marcação do sujeito, pois o mesmo não aparece na principal. Sendo impossível marcá-lo com a ausência, o falante/ouvinte se vê obrigado a inserir um pronome, no caso o MIM.

É também compreensível que a objetiva venha após a subjetiva, pois é um argumento integrante em relação à oração principal. O estranho é a distância entre os dois argumentos integrantes, objetivas e completivas. As finais, complementos circunstanciais, aparecem entre os já mencionados argumentos. O grande peso relativo nas finais provavelmente se deve pelo fato de o falante/ouvinte, durante seu ato de fala, fazer questão de deixar claro que ele é o recebedor de uma idéia de finalidade. Se o mesmo opta pela ausência pronominal, a finalidade fica longe de sua pessoa, podendo ser mal-interpretada por seu interlocutor. Quando recusa a anáfora e faz uso de um pronome para marcar a primeira pessoa do discurso, não há dúvidas de que a finalidade cai sobre o falante. Por isso, grande presença pronominal em tal contexto.

Tipo de Texto

Neste momento consideram-se dois tipos de texto: narração (c.f. (6)) e argumentação (c.f. (7)), de acordo com análise dos dados existentes no *corpus* em tela.

(6)

Eu não conseguia aí quem levava mais castigo era eu, porque um dia só para fazer aquilo tudo, ainda tinha dever para fazer, que eu estudo em duas escola, particular e pública, aí não dava **para mim** fazer tudo ao mesmo tempo. (CENSO: E58)

(7)

Eu jogava, agora não dá **para mim** jogar (5) mais. Porque eu não posso mais fazer muito esforço. (CENSO: E54)

Encontram-se os seguintes resultados para as orações com MIM:

TABELA 3: TIPO DE TEXTO

FATOR	MIM		Ø	TOTAL
	FREQÜÊNCIA	PR	FREQÜÊNCIA	
Narração	59/234 = 25%	.58	175/234 = 74%	234/485 = 48%
Argumentação	43/251 = 17%	.42	208/251 = 82%	251/485 = 51%

Observa-se a ocorrência de apenas dois tipos de texto: narração e argumentação.

Recorrendo a Paredes Silva (1996: 176), tem-se as seguintes definições, que devem ser suficientes para explicar as diferenças existentes entre os tipos de texto em foco:

Na estrutura narrativa, os verbos ao redor de um predicado de ação apresentam-se no pretérito imperfeito, referentes à primeira ou a terceira pessoa com a existência de uma seqüência cronológica.

Já na argumentação, a proposição é a unidade semântica, apresentando relações sintáticas de subordinação, relações mais complexas.

A partir deste breve comentário retirado de um artigo publicado em 1996, conforme já mencionado, pode-se verificar através dos exemplos a sua pertinência. Resta apenas dizer que provavelmente a maior incidência de MIM em textos narrativos deve-se ao fato de que o falante ao relatar algum fato em que tenha tomado parte, queira mais uma vez deixar clara a idéia de sua participação, pois trabalha-se na amostra com relatos de experiências pessoais.

Considerações Finais

A partir dos grupos de fatores explorados durante esta investigação pode-se perceber a relevância da função sintática da oração reduzida e do tipo de texto para a presença do pronome MIM. A escolaridade não foi determinante, podendo-se contudo, observar a tendência do falante de não usar o pronome, optando por sua ausência em grande quantidade de casos.

Referências Bibliográficas

BAGNO, Marcos. *A Língua de Eulália*. São Paulo: Contexto, 2001;
BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003;

- CEREJA, William Roberto & GUIMARÃES, Thereza Cochar. *Gramática Reflexiva*. São Paulo: Atual, 1999;
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos da Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976;
- CUNHA, Celso & CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova Gramática do Português m Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- CUNHA, Maria Angélica Furtado da, OLIVEIRA, Mariângela Rios de & Martelotta, Mário Eduardo (orgs). *Linguística Funcional: Teoria e Prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- GIVÓN, Talmy. *Functionalism and Grammar*. Amsterdã: John Benjamins, 1995.
- LABOV, William *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1975;
- _____ *Language in the Inner City*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1975;
- MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luiza (orgs). *Introdução à Sociolinguística, O tratamento da Variação*. São Paulo: Contexto, 2004.
- NASCENTES, Antenor. *Dificuldades da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1964;
- PAIVA, Maria da Conceição de. *A Variável Gênero/Sexo*. IN: MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luiza (orgs). *Introdução à Sociolinguística, O tratamento da Variação*. São Paulo: Contexto, 2004.
- PAREDES SILVA. *Gênero e Tipos de Texto: O caso da Carta Pessoal*. Terceira Margem, Rio de Janeiro: 1996. Ano 4, v. 4, p. 176-182.
- _____ *Relevância das Variáveis Linguísticas*. IN: MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luiza (orgs). *Introdução à Sociolinguística, O tratamento da Variação*. São Paulo: Contexto, 2004.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.
- SAID ALI, Manuel. *Dificuldades da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1966;
- _____ *Gramáticas Elementar da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1965;
- _____ *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramento, 1964.
- _____ *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*, São Paulo: Melhoramento, 1964.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.daneprairie.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.